

# LITURGIA: LUGAR DE ENCONTRO, DANÇA, GRAVIDEZ MÍSTICA E PRÁXICA

## Espaço da mistagogia libertadora – anotações a partir do Apocalipse

Paulo Ueti\*

Um dia, ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar  
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar  
E não maldisse a vida tanto quanto era seu jeito de sempre falar  
E nem deixou-a só num canto, pra seu grande espanto, convidou-a pra rodar  
E então ela se fez bonita como há muito tempo não queria ousar  
Com seu vestido decotado cheirando a guardado de tanto esperar  
Depois os dois deram-se os braços como há muito tempo não se usava dar  
E cheios de ternura e graça, foram para a praça e começaram a se abraçar  
E ali dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou  
E foi tanta felicidade que toda cidade se iluminou  
E foram tantos beijos loucos, tantos gritos roucos como não se ouvia mais  
Que o mundo compreendeu  
E o dia amanheceu  
Em paz

(Valsinha – Chico Buarque)

### Introdução

Cada vez mais há a busca e a necessidade de uma mística (ou místicas) que nos ajude a fazer o ‘verdadeiro’ encontro com a divindade, com o “Totalmente Outro”. E não podemos pensar a mística sem pensar na diversidade, sem pensar na beleza do arco-íris, símbolo da aliança eterna com o mundo refeito, bem como o resultado do arrependimento de Deus que disse: “nunca mais amaldiçoarei o solo por causa dos seres humanos. Sem dúvida, o coração da humanidade se inclina para o mal desde sua juventude, porém nunca mais flagelarei todos os viventes como fiz” (Gn 8,21).

Estamos vivendo uma crise imensa em vários níveis da vida. Mas apesar da crise ainda podemos ter fé e esperança na presença transfiguradora da divindade que ama e se aproxima sempre. Não identifico “crise” como algo negativo ou com uma situação da qual se deva fugir ou mesmo negar. Ao contrário. Na psicologia do desenvolvimento e na medicina a “crise” aponta para um/uns “momento/s de mudanças súbitas, no nível biológico, psicológico ou social, é momento de tomar decisões”<sup>1</sup>, de educar-se ou

\* Teólogo, professor de Sagradas Escrituras e Espiritualidade, assessor do CEBI-Centro de Estudos Bíblicos, coordenador do Serviço Internacional de Intercâmbio do CEBI, professor da Escola da Fé da Paróquia Perpétuo Socorro, Lago Sul, e militante e colaborador do Movimento dos/as Trabalhadores/as Rurais Sem Terra.

1. Cf. Dicionário Eletrônico Houaiss e Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Crise>)

ser educado/a (ex. - ducere: tirar – sair (sair-se)), ou seja, a crise faz parte da vida cotidiana e nos exige uma tomada de posição – de/cidir – fazer uma cisão. A crise nos movimenta.

É importante começar nossa reflexão perguntando pelas bases da nossa espiritualidade. Que mística está nos movimentando e nos alimentando? Que mística temos compartilhado e de qual poço/fonte bebemos? A Bíblia é um conjunto diverso e plural de experiências e expressões da mística. É mais um caminho mistagógico de que um conjunto de axiomas prontos e normatizadores para a vida.

Mística tem a ver necessariamente com mistério que se expressa na *relação* e nos convida sempre para a mesma. Esta relação tem a ver em primeiro lugar com o encontro consigo mesmo, com suas paixões mais profundas. “Se queres chegar ao conhecimento de Deus, trata de antes te conheceres a ti mesmo. O subir até Deus passa pelo descer até a própria realidade e pelo chegar às profundezas do inconsciente”<sup>2</sup>. Como rezamos sempre no Credo Apostólico: “descer aos *infernos*”. Isso provoca a relação com o contexto e com o/a outro/a. É nesse emaranhado de encontros e desencontros que Deus se revela e nos busca para que continuemos nossa busca dele cantando sempre que “Minha garganta (alma) tem sede de Deus. Pelo Deus vivo anseia com ardor. Quando irei ao encontro de Deus? E verei tua face, Senhor?” (cf. Sl 42)

### **A revelação de Deus: “estou em todos os lugares e amo loucamente a vocês”**

Como sabemos, por trás de qualquer texto da Bíblia está sempre uma comunidade de fé. E o culto é sempre o lugar privilegiado de alimentar e manifestar essa fé. O texto é culto manifestante de fé, tornado escrita, tornado gramática (relações e articulações entre as pessoas, entre elas com a realidade e entre essas duas com Deus), tornado livro. Por isso, me parece que o texto (ou melhor dizendo, uma coletânea de textos juntados ao longo dos primeiros séculos) do livro do Apocalipse é marcado e estruturado pela discussão da organização e do sentido (para onde vai e para onde conduz) da Igreja. Discussões como Império, luta, esperança, morte, missão, vitórias, mística, espiritualidades e cristologias são muito marcantes no texto e na teologia produzida por este grupo.

O Apocalipse é uma coletânea de textos apocalípticos<sup>3</sup> independentes originalmente. Livro muito popular “por razões equivocadas, pois um grande número de pes-

2. GRÜN, A. e DUFNER, M. *Espiritualidade a partir de si mesmo*. Vozes: Petrópolis, 2004, p. 7.

3. O livro da Revelação faz parte de um conjunto de textos cujo gênero literário é conhecido como Apocalíptica. Vários outros livros apocalípticos, semelhantes ao que estamos estudando, foram escritos: I Henoc, escrito cerca de 200 aC; Livro dos Jubileus, por volta do 2º século aC; Testamento de Moisés, começo do 1º século dC; 4 Esdras, final do 1º século dC; Apocalipse de Abraão, 1º ou 2º século dC; Daniel 7-12; Marcos 13 (paralelos em Mt 24 e Lc 21); 2Ts 2, entre outros. Todos esses livros compõem a literatura apocalíptica. Ela procura transmitir uma mensagem de fé e esperança para aqueles que estão sofrendo. O próprio termo apocalipse, que significa revelação, indica isso. Através desses livros, seus autores querem revelar o propósito de Deus àqueles que são perseguidos por sua fé. O objetivo dos livros é mostrar a verdadeira realidade a fim de fornecer forças para continuar na luta. Isso se dá através de imagens muito coloridas e simbólicas. Por exemplo, a simbologia dos números: três, sete, doze, mil anos, cento e quarenta e quatro mil. A figura de animais: dragão, besta, leão, urso, cordeiro. Na realidade, parece uma linguagem secreta, em código. De fato, era isso mesmo. Para aqueles que perseguiam, esses livros não tinham sentido. Mas para aqueles que escreviam ou liam, eram cheios de significado (<http://www.monergismo.com/textos/>).

soas o lê como um guia de como o mundo vai-se acabar, pressupondo que o autor recebeu de Cristo o conhecimento detalhado do futuro e o comunicou em símbolos codificados”<sup>4</sup>. É um livro utilizado por muitas teologias e espiritualidades para ameaçar o povo, nossas consciências e nossos corpos, muitas vezes para garantir adeptos para determinados grupos religiosos; às vezes para exercer poder sobre a consciência das pessoas, através da ameaça e do medo.

Mas também o livro do Apocalipse é um livro dirigido para pessoas “não comuns/normais”. É para gente excêntrica<sup>5</sup> (que entendeu a mensagem de Jesus) que já está na caminhada das comunidades e anda desesperançada e precisando de “mística” para “permanecer” na militância. É um conjunto de tecidos que procuram “revestir” as comunidades com a força e a energia ressuscitada e ressuscitadora do Cristo, vencedor do mundo<sup>6</sup>. Há muita hostilidade naquele tempo. Existe uma luta entre dois projetos (ou mais, quem sabe) onde a vida das pessoas e a saúde das relações estão em jogo.

O que fazer? Desistir? Incorporar-se ao império para sobreviver? Não, nunca. Ao contrário: por causa da realidade, e do encontro com o transcendente/imanente, o “Único”, continuar na militância<sup>7</sup>. “Na luta do povo ninguém se cansa (de lutar, claro)”, diz uma palavra de ordem do Movimento Sem Terra durante suas marchas pela Reforma Agrária, pela vida e por um Brasil menos desigual.

Um dos recursos utilizados pelos/as autores/as do livro do Apocalipse sem dúvida foi o recurso litúrgico. Encontramos, durante a leitura, várias “peças litúrgicas” espalhadas e organizadas de forma que a cada momento de reflexão sobre o conflito e os perigos que vêm do mundo e também de dentro da Igreja se possa “cantar” um hino de louvor a Deus e fazer uma oração litúrgica para lembrar a grandeza e o cuidado terno e fraterno que Deus tem para com seu povo.

O pano de fundo de todo o texto e reflexão das comunidades tem a ver com o culto a Jesus, o Cristo ou o culto ao imperador. Existe “um problema formal do império e do imperador como soberano absoluto. Não era um problema o culto como tal, mas do culto romano como expressão do reconhecimento de sua soberania e sua supremacia – o que revela uma posição política, além de religiosa. O que os cristãos rejeitam do culto imperial é o que ele significa: a pretensão do poder absoluto sobre coisas e pessoas, como se fosse um deus, associado a esse culto. Neste culto ‘o que se esperava dos cristãos era que oferecessem sacrifícios aos deuses e assim se inserissem no culto religioso, que, aos olhos de seus contemporâneos e sobretudo do imperador, necessariamente garante a ordem política da qual o soberano é, ao mesmo tempo, a concretização’”<sup>8</sup>.

4. BROWN, R. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 1005.

5. Neste sentido o Apocalipse é um livro clássico de mística religiosa: buscar Deus significa sair de si mesmo/a para o encontro (e, às vezes, desencontro) com o que está fora de si e das visões e certezas privadas.

6. Cf. Jo 16,33. Aqui também entende-se “mundo” como a realidade histórica de dominação romana.

7. Shemá Israel, Adonai elohenu! Adonai ehad:” Escuta, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Dt 6,4).

8. ARENS, E. e MATEOS, M. *O apocalipse – a força da esperança – estudo, leitura e comentário*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 103.

Lendo o Apocalipse em meio a esta realidade dura e sofrida, por dentro, em cima, embaixo, em todos os lados, cabe a nós garantir a esperança – ser esperança, envolver-se na mística da luta pela vida: “certamente outro mundo não é somente ‘possível’, mas já está acontecendo”. Parece que o principal serviço, o principal apostolado que nos cabe é continuar o caminho, permanecer mesmo no escuro e com descrenças. Como diz Tiago de Mello: “faz escuro, mas eu canto”, e podemos acrescentar, “eu danço, eu me alegro, eu faço festa”.

A morte e as trevas não venceram. O dragão e seus lacaios (cf. Ap 12–18) atacaram, cooptaram, disfarçaram-se para enganar, mas não venceram. Jesus/Nós, o Nazareno que Ressuscitou, está conosco. Mesmo com as nossas ilusões, limites, equívocos ideológicos ou religiosos (fetichistas), traições do caminho (pecados) que “nos impedem de reconhecer Jesus – aquele que é a Verdade – Deus doado feito carne”<sup>9</sup>, ele está lá, grávido e nascendo ao mesmo tempo (cf. Jo 1 e Ap 12). “Sem ter onde se agarrar, o povo pobre... procurava sobreviver reforçando em si a fé de que o *Deus dos* Profetas continuava sendo o Senhor da História e do mundo: ‘Deus é grande! Ele saberá realizar a sua promessa! Ele nos salvará!’ A fé em Deus assumia a forma (às vezes irracional) de *entrega e abandono!*”<sup>10</sup> Sua presença não depende de nossa capacidade de reconhecê-lo. Por isso é tão fundamental continuar a “esperar contra toda esperança” (cf. Rm 4,18).

### **Liturgia – dança mística e política de um novo mundo**

O que é mesmo a liturgia? O que acontece durante a liturgia? Que tipo de realidade nós encontramos e vivemos?

Como é do conhecimento de todos/as, o termo aportuguesado “liturgia” deriva da língua grega. Significa etimologicamente *serviço público* (*Leiton ergon*) e seus empregos são muito diferentes no grego antigo, pois o sentido de “serviço cultural” não é, de longe, o mais freqüente<sup>11</sup>. A tradução dos LXX é que será responsável pela introdução do uso corrente do termo “liturgia” como serviço de culto religioso. De qualquer forma, é importante ressaltar que o conteúdo da palavra e o seu essencial significado estão relacionados, sem possibilidade de separação, com *ação, trabalho, serviço, diaconia, política*.

A liturgia (serviço de natureza política e “diaconal”) é estruturante neste caminho de *re/conhecimento* do mistério que congrega a muitos/as e alimenta a militância por um mundo novo. Este serviço me parece urgente. Ajudar não a ver, mas a “*se dar*

9. Leia o texto de Lc 24,13-35: o problema do casal de Emaús não é ‘ver’ Jesus. Eles o estavam enxergando. O grande problema é que, provavelmente por causa da fotografia errada ou da imagem embaçada que fizeram dele (“...esperávamos que ele fosse o libertador de Israel”), eles estavam ‘impedidos’ de reconhecê-lo como ele realmente é: pobre, fraco, crucificado, diferente dos outros messias de sua época, companheiro, comprometido com o cotidiano da vida. Portanto, é bom insistir: nosso serviço como liturgos e liturgistas é ajudar (e ser ajudados/as) a *reconhecer* Jesus como ele é, como ele escolheu manifestar-se, ou seja, na Cruz e na Ressurreição, na missão (por isso celebramos a Ceia, também para não esquecer disso).

10. MESTERS, C.; OROFINO, F. *Op. cit.* p. 20.

11. Cf. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, p. 833. Petrópolis: Vozes e São Paulo: Paulus, 2002.

conta”, a *reconhecer* que aquele que morreu (o que causou desesperança no coração<sup>12</sup> de cada um e cada uma) é aquele que ressuscitou e está no meio de nós: “Ele [um jovem], porém, lhes disse: ‘Não vos espanteis! Estais procurando Jesus de Nazaré<sup>13</sup>, o Crucificado. Ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o puseram” (cf. Mc 16,6).

Na liturgia da Vigília Pascal celebramos: “Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos, sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus” (cf. Rm 6,4-10).

Deus não depende de nossas pobres capacidades para agir. Ele age livremente e por graça: é um amante apaixonadíssimo<sup>14</sup> que, mesmo sem ser reconhecido, caminha junto, aceita nosso convite (é preciso ter coragem de convidar – abrir não só o coração, mas a casa) e se senta à mesa (cf. Lc 10,38-42; 19,1-10; 24,28-33). Mesmo não sendo reconhecido (ele não quer ser reconhecido do jeito que o mundo reconhece as pessoas – fazendo bajulações), é ele quem acolhe o convite a entrar na casa e sentar-se à mesa e partir o pão. De símbolo ele se torna o próprio objeto, e não somente objeto, mas sujeito de toda ação salvífica: ele é o Pão<sup>15</sup>.

O espaço litúrgico é um desses ‘lugares’ privilegiados, não para encontrar ou entender cognitivamente a revelação, mas para que entremos no mistério e expressemos sempre nossas esperanças nas “coisas novas que hão de vir, porque as coisas velhas já passaram” (cf. Is 42,9 e Ap 21,5), bem como ser um espaço de gratuidade libertadora, de paixão avassaladora que transforma tudo e todos/as, pois “sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente (no coração), suspirando (e conspirando) pela redenção do nosso corpo. Pois nossa salvação é objeto de esperança” (cf. Rm 8,22-24).

12. SCHROER, S. e STAUBLI, T. *Simbolismo do Corpo na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2003: “Em Israel, o coração não é primariamente a sede do sentimento, muito menos do amor... Na Bíblia, o coração é acima de tudo o lugar da razão, dos planos secretos, da reflexão e da decisão. Segundo Dt 29,3, a pessoa tem olhos para ver, ouvidos para ouvir e um coração para entender. O coração reelabora e reordena as impressões que vêm de fora” (página 62).

13. Importante notar que aqui ainda Jesus é ‘o de Nazaré’. A nomeação dele como ‘o Cristo’ demorou ainda algum tempo a ser elaborada pelas comunidades cristãs nos seus primórdios. Já no tempo dos Evangelhos Jesus é mais ‘o Cristo’ do que ‘o de Nazaré’, o que para a cristologia e para a espiritualidade tem seus percalços, porque quanto mais longe do evento da Cruz mais a reflexão e a imagem de Jesus, como revelador e revelação do Pai, vai se mesclando com outras perspectivas e corre o risco de se perder. O Novo Testamento é rico em lutar pela ‘verdadeira’ imagem de Jesus, como Verdade de Deus.

14. Vale a pena conferir a imagem emblemática de Deus em Os 1–3.

15. Cf. Jo 6: No evangelho de João, o discurso eucarístico por excelência.

A liturgia é o lugar<sup>16</sup> (não somente físico) onde experimentamos a pascalidade erótica do encontro com o divino, o lugar para onde vamos, onde permanecemos e de onde saímos totalmente transformados/as pela imensa graça misericordiosa de Deus, que deseja salvar toda a humanidade. Ali celebramos, juntos/as com Ele e porque é Ele que nos convida e nos acolhe, o mistério da salvação e do Reino, que não tem donos nem pode ser controlado pelas nossas limitadas compreensões da revelação de Deus em Jesus, na história da humanidade.

“Liturgia é ação simbólica e ritual. Expressão comunitária e mística da nossa fé cristã... A liturgia não deve ser considerada como um momento, uma atividade em meio a outras, cultivada talvez mais por uns e menos por outros. É a fonte da qual decorre, como um rio, a vida da Igreja e de cada cristão e cristã. Porque é na liturgia que o Ressuscitado vem ao encontro de sua comunidade de fé, nos atinge, nos transforma com seu Espírito, nos faz participar de sua vida de comunhão com o Pai, e nos envia de volta ao mundo, renovados e santificados”<sup>17</sup>.

A liturgia é o lugar da celebração mística da ação salvadora de Deus para com a humanidade. Não é o lugar da celebração do sofrimento ou, como muitas vezes se pensa, o lugar do sacrifício, aqui entendido como negativo e como imolação. Não ‘mata-mos’ mais Jesus. Já se cumpriu o sacrifício de Jesus, uma vez por todas (cf. Hb 10,10). Marcelo Barros lembra que ‘Mística’ “tradicionalmente é compreendida como a meta do caminho espiritual. Se a espiritualidade é o caminho, a mística é o ponto aonde o caminho leva... Muitos/as concebem a mística como a motivação da vida que busca maior intimidade com Deus. É o segredo do amor que faz com que as pessoas vivam verdadeira e fortemente a experiência de relação e intimidade com o divino”<sup>18</sup>.

O termo *mysterion*, *mystikos*, significa algo “escondido”. Esta experiência de “escondido” a mim sempre lembra a brincadeira de criança de ‘esconde-esconde’... qual é o objetivo dela? A gente se esconde sempre para ‘ser achado’. Mística tem a ver com essa experiência de Deus, que está “escondido”, mas revela-se cotidianamente a nós, para que possamos “reconhecê-lo”, achá-lo.

### **Mística litúrgica no Apocalipse: erótica da “cidadania celeste”**

Entrar nas ‘intimidades’ do Apocalipse é inserir-se num ambiente místico e mistagógico revolucionário e excêntrico, como aludi antes. Mística é “cerrar os olhos e entrar no silêncio” para poder ver outras realidades bem como “expandir-se” para os outros sentidos do corpo humano que, necessariamente, precisa integrar a realidade circundante. Todos/as os/as místicos/as fazem esta experiência.

Na mística erótica e litúrgica, no livro do Apocalipse, a divindade (Deus) se dá novamente a conhecer através da força ‘poderosa’ de seu Filho, o Cordeiro doado, pás-

16. Cf. CHAUVET, Louis-Marie. A liturgia no seu espaço simbólico. In: A liturgia e o corpo. *Concilium*, n. 259. Vozes, 1995.

17. Cf. BUYST, Ione. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. São Paulo: Paulinas, p. 20.

18. VV.AA. *Espiritualidade e Mística. Curso de Verão ano XI*. CESEP/Paulus: 1997, p. 21-22.

coa viva e celebrada na reunião e oração da assembleia dos/as que estão em serviço (liturgos/as). O Apocalipse é um convite à dança e ao canto como somente um outro livro da Bíblia o faz: o livro dos Salmos – livro erótico dos desejos, das falas que vêm do profundo de nosso ser e da busca/práxis incansável de Deus, com Deus e para Deus. Depois deste livro (o dos Salmos, que de longe é o lugar onde verdadeiramente encontramos a maioria deles), o Apocalipse é o livro da Bíblia onde mais se canta, e para nós brasileiros onde mais se dança – não conseguimos separar canto de dança, melodias/partitura e corporeidade/beleza. A comunidade explode em cânticos e alegria. Hoje em dia podemos comparar isso à literatura de cordel presente especialmente nas tradições nordestinas.

Nosso “livro da Revelação” está cheio de hinos e aclamações<sup>19</sup>. “Os hinos encontrados neste livro são composições literárias de conteúdos bastante significativos, e o espírito ou tom convida os ouvintes a que unam as suas vozes às dos que os entoam”<sup>20</sup>.

São, na sua maioria, hinos de glorificação de Deus. Glorificar aqui significa “fazer presente! Afirmar esta presença de libertação e força, coragem e energia. Todos os coros celestes cantam o triságio: “*Santo, Santo, Santo! Senhor, Deus, Todo-poderoso, Aquele que era, que é e que vem!*”<sup>21</sup> em clara memória da teologia dos profetas e do Êxodo. Mais adiante, temos a memória da criação/vocação de Deus para a humanidade, provinda do exílio: “*Tu és digno, Senhor nosso Deus, de receber a glória, a honra e o poder, pois tu criaste todas as coisas; quiseste que elas existissem, e foram criadas*”<sup>22</sup>. No capítulo seguinte as comunidades continuam a entoar: *Tu és digno de receber o livro e de romper-lhe os selos porque foste imolado, e redimiste para Deus, por teu sangue, gentes de toda tribo, língua, povo e nação...*” (Ap 5,9).

A mística que animava as comunidades é a memória da “soberania” de Deus (aquele do êxodo e do exílio) sobre a história. Não está-se à deriva. Não há abandono de Deus, apesar da realidade de sofrimento e de morte. A celebração litúrgica ‘encenada’ pelo Apocalipse é para dizer que Jesus ainda está no “controle” da história. Ele não abandonou ninguém. O imperador *não* venceu e nunca vencerá.

A maioria dos cânticos e antífonas tem a ver com “honra, glória e poder” em clara oposição ao Império Romano ‘deificado’ na opressão e exploração dos povos. Ou, para afirmar que “*A salvação é do nosso Deus, que está sentado no trono, e do Cordeiro*” (Ap 7,10).

O jeito de “avisar” isso para as comunidades ou manter viva a fé/luta por “outro mundo acontecendo” é cantar, orar e dançar nas celebrações litúrgicas. “*Seja feita a*

19. Encontramos os hinos concentrados nos capítulos 3, 5, 7, 11, 12, 15 e 19.

20. ARENS, E. e MATEOS, M. *O Apocalipse – a força da esperança. Estudo, leitura e comentário*, p. 271.

21. Cf. Ap 4,8, baseada nas tradições proféticas da Teologia do Êxodo, Isaías, Oséias e Amós.

22. Cf. Ap 4,11.

*tua vontade, assim na terra como no céu*” (cf. Mt 6). Isso de que falamos chama-se “sacro ofício”. O que significa isso? Estamos falando de um ofício (trabalho) sagrado. Estamos falando da vida de Jesus como um todo. É isso que celebramos na liturgia (em qualquer liturgia cristã). O mandado de Jesus: “fazei isso em memória de mim”, aponta e exige que entremos no seu caminho. Fazer o quê? Não é repetir, como num teatro (drama), a cena da última ceia, não basta repetir o rito do mesmo jeito que está escrito no Evangelho. A isso chama-se ritualismo, que não salva ninguém. Inclusive porque a “última ceia” é figura da Revelação e da obra salvífica da Revelação de Deus. Precisamos não incorrer no risco de achar que a repetição dos passos com os mesmos elementos da ceia configura-se em fidelidade e encerra o mandado de Jesus. De jeito nenhum! Torna-se necessário, ao contrário, ritualizar a memória do evento, tornar a ceia um rito, entendido conforme Aldo Terrin: “uma ação e desenvolve em seu seio uma ‘pragmática transcendental’, enquanto propõe evitar, a todo custo, a ‘lógica do duplo pensamento’. Agir de determinado modo significa induzir a pensar de determinado modo, e como a ação é jamais ambivalente, arredia, equívoca, incerta, realizar a ação ritual significa conter o pensamento dentro das malhas da ação clara e significativa. O rito assume, neste sentido, um valor epistemológico: *ensina a agir de maneira ordenada, para se pensar de maneira ordenada*”<sup>23</sup>.

Toda liturgia precisa ser celebração (ao mesmo tempo, realidade que já é e ainda não) da páscoa de Deus, da nossa Páscoa na Páscoa de Jesus. Isso inclui toda a Revelação. Isso inclui toda a vida, ministério, sofrimento, morte e ressurreição de Jesus. A liturgia, como espaço físico do encontro e lugar espiritual da intimidade com Deus, transforma a minha vida e a do mundo, em sintonia com a transformação na vida Jesus, operada pelo Pai. Por isso é sempre sinal do Reino, anúncio da Misericórdia de Deus, testemunha de que “outro mundo é possível”.

“O sentido profético da celebração aparece na esperança da comunhão e da vida partilhada. É por isso que o sentido da profecia apocalíptica, e de toda celebração litúrgica, está na experiência e na esperança da comunhão – *koinonia*. A fé leva à união que leva a superar o mecanismo de violência e da idolatria, e a firmar-se na vida nova da liberdade e da comunhão recíproca”<sup>24</sup>. Lendo o Apocalipse não se pode deixar de embriagar-se pela urgente necessidade mística de envolver-se nas lutas pela vida dos humanos e do planeta. O Apocalipse mantém a espiritualidade profética em relação ao culto: o culto e a mística que Deus gosta são a prática da justiça e do direito. Esse caminho é a mística libertadora que nos acompanha desde Israel.

Por isso: “o cristão do futuro (urgente fazer isso no presente<sup>25</sup>) será místico por excelência e litúrgico por consequência... sua vida integral de oração e testemunho terá como eixo a liturgia e, portanto, girará em torno do essencial: o mistério de Cristo

23. TERRIN, A., *O Rito, antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo: Paulus, 2004, orelha.

24. Cadernos de Liturgia. *Liturgia em tempos de opressão. À luz do Apocalipse*. Paulus: 1990, 2. Edição, p. 25.

25. Parêntesis meu.

e seu reflexo no mundo”<sup>26</sup>. Então sua vida será pascal, transfigurada, vestida e inserida na mística revolucionária de um novo jeito de exercer o poder de Deus.

Como eu disse anteriormente, o *ato litúrgico* necessita ser sempre um ato que provenha do amor erótico e da páscoa de Deus. Precisa ser revelador da graça e da misericórdia infinita de um Deus que se entregou por amor aos outros (cf. Jo 10,10-18; 15,13). Um Deus que não quis se manifestar como o Todo-poderoso (na compreensão moderna de ‘poder’), mas preferiu a fraqueza e a pobreza (que, paradoxalmente, é *O poder de Deus*), a fim de que nós possamos, de fato, compreender o recado e vivê-lo cotidianamente. “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele que tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura humana, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz” (cf. Fl 2,5-8).

Para além do léxico e da gramática ritual e simbólica, a liturgia é o lugar do encontro erótico com o transcendente/imaneente<sup>27</sup>. E sempre é bom recordar fortemente que “*Deus pode ser encontrado em toda parte. É preciso, apenas, buscá-lo e fazer o encontro. Esta é uma tese muito comum. Deus é imenso, onipresente, diz a clássica teologia. Deus é simples, forma outra tese igualmente tradicional – embora, às vezes, se costume esquecer de conjugá-las simultaneamente. Deus está em toda parte, é imenso; mas Deus não tem partes, é simples. Significa que em qualquer lugar ele é encontrado totalmente*”<sup>28</sup>.

Portanto, a liturgia (maior do que o ‘ato litúrgico’) é também, por excelência, o lugar do diálogo (“através/*diá* da palavra/*lógos*” que é, em primeiro lugar, relação). Todo grupo humano, toda cultura é fonte única, original e válida de saber e de sentido... quando falo de diálogo não falo de uma metodologia, de técnica ou de instrumento para se chegar a algo. Mas falo do diálogo como fim em si mesmo. Como valor ‘em si’ que deve ser buscado e vivido plenamente como momento e espaço (também físico) de encontro e desencontro. Os momentos litúrgicos e os espaços litúrgicos são eminentemente espaços e momentos de diálogo, portanto de ‘pascalidade’, de relação (será que relação entre iguais e relações de igualdade, como deveria ser?)<sup>29</sup>. E, claro, *conditio sine qua non*, é o lugar da escuta (atitude fundamental e estruturante da espiritualidade judaico-cristã). Logo, também é o lugar da expressão concreta e cotidiana de que nossa religião é relação. E relação de amor, de equidade, de missão.

26. Nota minha: aqui é urgente e necessário redescobrir o caminho mistagógico para esse mistério do Cristo. Precisamos deixar de ser exclusivamente doutrinários e dogmáticos para voltar, como nos ensinaram os primeiros cristãos e a patrística, a ser mais mistagógicos, ou seja, é primordial *inserir* os/as batizados/as no mistério do Cristo, através da comunidade, através das relações novas que vamos criando como novas criaturas.

27. Aqui vale a pena ler: Anselm Grün. *A oração como encontro*. Petrópolis: Vozes, 2004.

28. PANIKAR, R. *Ícones do Mistério. A experiência de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 153.

29. Reflexões feitas a partir de um Seminário sobre Bíblia e Educação Popular, realizado em Brasília no ano de 2004. Conferir Edmilson Schinelo (org.). *Bíblia e Educação Popular. Encontros de solidariedade e diálogo*. CEBI, 2005. In: *Série Palavra na Vida*, n. 213/214.

É o lugar do encontro com o divino, com o sagrado, porque é o lugar do encontro consigo mesmo e com o outro/a. É uma grande experiência mística. É o lugar onde foram “feitas novas todas as coisas” (cf. Ap 21,5). O lugar das acolhidas, dos olhares, dos corpos que se encontram e se relacionam. O lugar do serviço apostólico e missionário, não optativo, mas inerente ao ser cristão. O lugar da Páscoa cotidiana – o lugar da transformação, da morte e da ressurreição. É a memória e a afirmação necessária e revolucionária de que Deus ama a humanidade. Deus continua agindo e manifestando-se. Quando tudo parece perecer, a liturgia deve se levantar e afirmar com todos os santos de que a Glória de Deus é manifesta. Acho bom lembrar Irineu de Lyon, para entender mesmo o que é a glória de Deus: “A Glória de Deus é o homem vivo. A vida do homem é a glória de Deus”. No encontro dos filhos/as com seu filho Jesus, o Pai é glorificado. Na ressurreição e geração de vida dos filhos/as e de seu filho Jesus, a glória do Pai é presente. A liturgia é a afirmação de um novo mundo, de um novo tempo: o Reino de Deus chegou.

### **A excentricidade de Deus: do lugar da liturgia ao mesmo lugar que é da missão**

O quadro do Apocalipse (e da ‘realidade’ do primeiro século) mostra claramente um conflito crescente entre Jesus, os/as companheiros/as de luta e convivência, o povo em geral, os “judeus” e o “mundo – império e sua religião e política da *Pax Romana*. A questão, em termos teológicos, pode ser esta: os/as discípulos que “são de Jesus”; conseqüentemente, sofrem e são alvos diretos diante da hostilidade dos romanos, decidem que a razão está do lado de Jesus.

Mas, se analisarmos os textos, e os contextos, podemos observar que essa oposição e conflitos dos grupos é em relação à concepção de Deus. De que Deus está-se falando? A liturgia e a teologia, bem como a espiritualidade e a mística, são e revelam que Deus? O Apocalipse é claro em conectar essa imagem/memória de Deus à experiência do Êxodo, dos Profetas e de Jesus: o todo doado, amante incondicional e irracional. Precisamos tomar cuidado com nossa tendência quase patológica em ‘ser normais’. Pierre Weil identifica isso como “normose”.

A forma desse esquema teológico unitário é aquele que diz que a forma da Verdade de Deus é estritamente correlativa à sua possibilidade de afirmar-se historicamente. Por isso o Apocalipse está cheio de cânticos e danças de vitória e de glorificação do Cordeiro, cuja vida não foi tirada, mas entregue livremente. Segundo João, Jesus entregou-se livremente e não pelo poder de Roma. O império é uma ilusão. O Reino/Reinado de Deus é outro. Nele figuram outras regras, paradigmas, mística e práxis.

Compartilhando esse quadro teológico, os membros da “liturgia celestial” do Apocalipse chegaram à convicção que Jesus, o Cristo, o Senhor (Jesus é o *Kyrios* e não o imperador) tem boas razões para reivindicar a representação de Deus (aquele do êxodo, da libertação, do resgate, da presença-Emmanuel). A *força de Deus* não é igual à força/forma de opressão e exploração do Império. As comunidades são espaços de um novo tipo de reinado, um protesto vivo e real, forte e produtivo de uma sociedade que não quer parecer-se com Roma. *O poder de Jesus é o poder/sinal de amor; ternura e carinho.*

Nas comunidades, a liturgia ajuda o povo a dirimir os conflitos de fé internos que estão abalando os/as membros. Os/as discípulos/as têm fé em Jesus, *mas compartilham* de certo modo a teologia do Império e de alguns chefes judaicos. O culto precisa anunciar uma “verdade de Deus” para um novo mundo e contra o mundo. Haverá um “eschaton” breve. Temos que estar preparados. E a “verdade de Deus” que é anunciada por Jesus nas comunidades é uma *verdade “excêntrica”* e nunca concêntrica. É a queda da associação da imagem de Deus/Jesus com a imagem daquele que está no centro; é isso o único. Este é um verdadeiro golpe dado, na história religiosa da humanidade, a uma identificação tão generalizada e constante entre a divindade e essa figura metafórica.

Muitas divindades, quando aparecem, se instalam no centro, ocupam, afirmam a sua verdade e negam a liberdade do outro; a verdade, quando se manifesta em toda sua plenitude, tem a forma do domínio. Nossas igrejas estão cheias disso. A história da fé e do testemunho é na memória, também religiosa, da humanidade, associada a um modelo de revelação que tem as características que Jesus deve derrotar, modelo de revelação de tipo concêntrico, onde a forma da verdade é funcional, fungível com aquela do domínio.

A forma do domínio como forma de persuasão, que tem como preço o outro, é o tipo de relação que se aproxima, singularmente, a uma fórmula, por outro lado universalmente do tipo “o fim justifica os meios” (Se o fim é a salvação eterna tem sempre espaço suficiente para qualquer meio, porque diante da salvação eterna mesmo a morte temporal poderia ser um preço aceitável).

Nesse ponto percebemos que às vezes a forma da revelação pode ser contraditória com o seu conteúdo. O seu conteúdo é a salvação e a sua forma é a mortificação/martírio, o seu conteúdo é a liberdade e a sua forma é a opressão, o seu conteúdo é o despertar da consciência incapaz de desejar e de esperar coisas ao limite do desejável e do esperável e a forma é a da censura do desejo.

Para as comunidades do Apocalipse não pode ser assim. Elas, no seu culto e militância, põem a nu a enorme diferença que existe entre a forma do domínio, mesmo empregada para fins bons, e a forma da entrega, que é a única que se adapta radicalmente à forma da verdade de Deus. Penso que é bom lembrar que os textos comumente ligados à comunidade de João, como é o Apocalipse, estão em conflito com outras eclesiologias, liturgias, moral no final do primeiro e início do segundo séculos.

A celebração no Apocalipse insiste que esta é a “*paixão*”/martírio de Jesus: *unir nova e definitivamente a forma da revelação de Deus com o seu conteúdo autêntico*. O conteúdo autêntico da revelação de Deus, que também o Primeiro Testamento intuiu, mas que é também uma intuição que atravessa a história da humanidade, *é a forma do amor, a substância da entrega*.

Para as comunidades, fé em Deus é fé *não* em qualquer imagem de Deus, mas fé em Deus na forma da entrega, um Deus que se escolhe como ser desperdiçado na periferia, não instalado no centro, como princípio da realidade na forma da entrega de si mesmo pela sobrevivência do outro, e não na forma da absorção do outro para o mantimento de si.

O culto ao Senhor Jesus na economia da tradição cristã pertence a uma tradição antiqüíssima. Celebramos a “ceia” como história e memória atualizada da paixão/erótica de Deus para com a humanidade e o mundo por ele criado. Esse culto, agradável a Deus, conforme todos os profetas, expressa uma história de dispersão, de laceração e de um progressivo afastamento de um suposto centro.

Para ajudar nisso temos os contos das aparições que acabam com um afastamento ainda maior e, aí, provocado por Jesus. A memória evangélica anuncia e lembra que Jesus, exatamente nesse contexto, antecipa significativamente o sentido da sua morte: é o lugar no qual se descobre a “intenção” do morrer de Jesus. Isso parece fundamental na teologia do Apocalipse a fim de continuar animando as comunidades a permanecerem no caminho, nunca se esquecendo do primeiro amor.

### **Para não concluir a conversa**

Infelizmente nas nossas igrejas, quando escutamos que celebramos a Eucaristia porque é um mandato de Jesus, penso que este “mandato” foi incompreendido em muitos cantos e reflexões litúrgicas e teológicas. Às vezes, parece que o termo “Fazei isso em memória de mim” não foi claro em relação ao que significa “isto”. O que é para fazer em memória de Jesus? O que faz a memória de Jesus permanecer e dar forças para as comunidades sofridas e em conflito no final do primeiro século e hoje ainda?

Muitas celebrações litúrgicas carecem de aspectos fundamentais da nossa teologia e espiritualidade: a escuta atenta de Deus, o encontro profundo com o Espírito de Amor, Ternura e Compromisso, a quietude de corpos, de almas e espíritos que se conformam na dança do novo tempo que expressamos como sacramento de Deus Encarnado em Jesus e nas comunidades.

O lugar onde celebramos e a partir do qual celebramos é a vida cotidiana, espaço (físico e metafísico) da revelação de Deus e da experiência e compreensão dessa revelação. As celebrações deveriam ser carregadas dessa vida e dessas esperanças e desejos dos nossos povos. “A celebração litúrgica é o lugar e o momento nos quais a salvação presente e operando no meio da dor e da morte se manifesta, se revela em sinais, ou seja, acontece no sacramento”<sup>30</sup>.

A mística litúrgica do Apocalipse ensina que a religião do Império precisa ser banida das nossas consciências e corpos. É mister voltar “ao primeiro amor” e continuar, através do canto e da dança, a revolucionar os corpos e as sociedades em direção ao Amor Erótico Incondicional – Deus Presente, o Emmanuel.

“Meu Pai,  
Entrego-me a vós,  
Fazei de mim o que for do vosso agrado.  
O que quiserdes fazer de mim, eu vos agradeço.  
Estou pronto para tudo, aceito tudo,

30. BARROS, M. *Celebrar o Deus da Vida. Celebração litúrgica e inculturação*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 85.

Desde que vossa vontade se realize em mim,  
Em todas as vossas criaturas;  
Não desejo outra coisa, meu Deus.  
Deponho minha alma em vossas mãos,  
Eu vo-la dou, meu Deus, com todo o amor do meu coração,  
Porque vos amo  
E porque, para mim, é uma necessidade de amor dar-me  
E entregar-me em vossas mãos, sem medida,  
Com uma confiança infinita, pois sois meu Pai”<sup>31</sup> .  
“Senhor, para onde irei?  
Para onde Jesus iria:  
Para a ovelha mais tresmalhada,  
Para o irmão mais doente,  
Para os mais abandonados, para os que têm menos pastores,  
Para os mais cativos do demônio,  
Para os mais cegos,  
Para os mais perdidos...”<sup>32</sup>

Paulo Ueti – CEBI  
Qd. 18 – Conjunto A – Casa 4  
73050-181 Sobradinho/DF

31. FOUCAULD, Charles de. *Oração do Abandono*.

32. *Ibidem*. *Oração do caminho*.